

Apresentação

A Revista Espaço Livre vem a público apresentar sua vigésima quarta edição, demonstrando mais do que nunca seu engajamento radical na luta cultural por uma sociedade verdadeiramente livre, na qual as relações sociais de exploração do trabalho alheio e todas as formas de opressão e controle social derivadas daí, não passariam de tristes lembranças da pré-história humana. Os textos que compõe este número representam claramente uma contribuição nesse sentido, isto é, garantem um espaço para a produção de uma crítica radical sistematizada à sociedade capitalista em seu conjunto, com vistas a contribuir com o avanço da consciência crítica revolucionária. Que essa se apodere das massas e se converta em poder material contra seus verdadeiros inimigos! Eis aqui nossa velha, porém viva, esperança.

O conjunto de textos que compõe essa edição, com raras exceções, apresentam em suas discussões um elemento comum: a luta de classes. Alguns textos revelam os interesses e perspectivas de classe, assim como suas diversas formas de garanti-los e manifesta-los, a questão da formação da consciência e as lutas que a envolve, as instituições (as classes sociais que lhe dão vida) e seu papel regularizador do capitalismo, os movimentos sociais e a dinâmica da luta de classes na contemporaneidade, a necessidade do bloco dominante em construir inimigos imaginários (o terrorista islâmico), o cinema e seus valores burgueses e a história do Brasil como a história da luta de classes no Brasil.

Cumprindo seu propósito, o número 24 da Revista Espaço Livre começa com o texto de Marcus Gomes sobre *Marx e a crítica do idealismo*, no qual o autor destaca a importância da compreensão da crítica de Marx ao idealismo para a compreensão de sua concepção de materialismo. Nesse percurso o autor aponta a práxis como um dos elementos fundamentais do pensamento de Marx e da ideia de transformação social, concluindo que as ideias são reais, materiais, ativas, mobilizadoras etc., porém não brotam de si mesmas, mas sim a partir de determinado modo de vida. Mas, existindo, as ideias mobilizam os seres humanos e determinam a realidade, assim como diversas outras determinações, tais como os valores, os sentimentos etc. Sendo assim, as ideias revolucionárias, associadas aos valores e sentimentos também revolucionários, são mobilizadoras, pois a revolução social representa também uma revolução cultural. Portanto, e por último, as ideias revolucionárias podem surgir marginalmente na sociedade capitalista, assim como devem ir se desenvolvendo e se ampliando, mas desde que os militantes revolucionários (bloco revolucionário) dediquem-se a essa luta cultural revolucionária, através de diversas maneiras, tais como a produção e propaganda dessa cultura, ações de auto-formação etc., e assim forneçam, dentro de todos

os limites impostos pelo capital, um solo fértil para a recepção das ideias revolucionárias que tendem, em períodos de radicalização das lutas de classes, a converterem-se em práticas revolucionárias.

No segundo texto, intitulado *A postura intelectual de Maurício Tragtenberg*, Erisvaldo Pereira de Souza analisa o vínculo desse intelectual com a classe trabalhadora e sua perspectiva política radical. Um dos pontos de destaque dessa análise é o avanço da percepção de Tragtenberg sobre o papel das instituições (estado, partido, sindicatos, universidades) e das classes sociais que as mesmas buscam expressar, seus interesses de classes etc. que apontam sempre para a reprodução, no máximo negociada, da exploração do trabalhador. Daí a importância, percebida por Tragtenberg, do proletariado criar suas próprias organizações, fundadas na auto-organização da classe operária em luta contra a burguesia e suas classes auxiliares (burocracia, intelectualidade etc.).

O pensamento de Maurício Tragtenberg também é tema do terceiro texto desse número. Em seu texto Dayane de Carvalho Silva Antunes discute *O ensino superior na concepção de Maurício Tragtenberg*, buscando perceber como esse autor compreendia o ensino superior, isto é, no interior de uma totalidade: a sociedade capitalista. Para isso, a autora se preocupa em, primeiramente, compreender o intelectual Tragtenberg, sua trajetória, suas posturas políticas ao longo dessa trajetória e a evidência para duas temáticas de grande importância no seu pensamento: a autogestão e a burocracia. Posteriormente, ganha destaque a análise desse intelectual sobre a universidade e o ensino que ela fornece, buscando demonstrar, como afirmara o próprio Tragtenberg, que a crise da universidade é expressão da crise da sociedade capitalista.

Em seguida, o quarto texto que compõe esse número é *A universidade no capitalismo tardio: notas sobre o novo regime de acumulação, a burocracia e o pós-modernismo* de Amon Moraes. Esse traz uma contribuição, marcada por avanços e limites teóricos, que consideramos essencial: busca pensar o capitalismo contemporâneo como uma totalidade. Procedendo dessa forma, o autor analisa a universidade no interior da sociabilidade própria do período denominado por Mandel (1982) de capitalismo tardio. Moraes se apoia em importantes teóricos que realizam estudos sobre as mudanças no capitalismo contemporâneo, tais como David Harvey (1992) e Nildo Viana (2009), e analisa a universidade como instituição burguesa, administrada de forma burocrática (Tragtenberg, 1992) a serviço da reprodução capitalista, no interior de um novo regime de acumulação,

percebendo que tal regularização é também acompanhada de uma ofensiva ideológica: o pós-modernismo.

Nildo Viana contribui com o quinto texto desse número com uma importante e atual discussão sobre os movimentos sociais e a dinâmica da luta de classes que os envolvem na contemporaneidade. Seu texto *Vantagens competitivas, microrreformismo e imaginário conveniente – a integração dos movimentos sociais no capitalismo contemporâneo* tem o grande mérito de analisar as formas de integração dos movimentos sociais, com destaque para a dinâmica integrativa dos movimentos sociais na contemporaneidade. Em sua análise ganham importância os conceitos de vantagens competitivas, microrreformismo e imaginário conveniente. Dentre as diversas mutações que os movimentos sociais sofrem na contemporaneidade, o autor destaca algumas que mais diretamente atingiram os movimentos sociais: a intensificação da sociabilidade capitalista (competição), o neoliberalismo e o novo paradigma hegemônico, o subjetivismo.

O sexto texto que compõe essa edição é de Diego Marques Pereira dos Anjos e se intitula *Inimigos imaginários e forças formadoras de opinião: o caso dos terroristas islâmicos*. Esse texto realiza uma discussão interessantíssima sobre a construção de inimigos imaginários (os terroristas islâmicos) e sua relação com os interesses imperialistas estadunidenses. O fim da guerra fria traz para os EUA o fim da necessidade de manter os pesados investimentos bélicos, contudo esse representaria um duro golpe à acumulação capitalista desse país, visto que um dos seus pilares é a produção armamentista. Por isso, a invenção de outro inimigo imaginário tornou-se essencial para a manutenção dos investimentos na indústria bélica e para os interesses imperialistas. A contribuição do texto está em contestar que interesses se encontram por detrás da invenção de certos inimigos imaginários.

Verônica Martins Moreira e Veralúcia Pinheiro oferecem uma interessante discussão sobre o cinema como expressão dos valores dominantes ao analisar, em seu texto *O enigma de Kaspar Hauser: o cinema como expressão dos valores e da linguagem*, a obra fílmica *O enigma de Kaspar Hauser*.

O oitavo texto dessa edição é de autoria de Alvinan Magno Lopes Catão e se intitula *A noção de sexualidade em Freud e Lacan: dessemelhanças*. Nesse texto o autor procura discutir a noção de sexualidade nesses dois autores, tendo o conceito de pulsão como referência.

Por fim, o vigésimo quarto número da Revista Espaço Livre fecha essa edição com o texto *Sociedade brasileira e conflitos sociais* de Edmilson Borges, no qual realiza uma recuperação histórica da sociedade brasileira, demonstrando que essa história é a história da luta de classes no Brasil e que o estado, por ser instituição à serviço da classe dominante, sempre cumpriu o papel de reprimir os diversos movimentos de contestação social em toda a história brasileira, da colônia ao neoliberalismo, visando garantir a reprodução da dominação da classe dominante sobre as classes exploradas, sob diversas formas.

É com a satisfação de poder oferecer um conjunto de reflexões críticas e radicais sobre a sociedade capitalista contemporânea que o conselho editorial apresenta aqui mais uma edição da Revista Espaço Livre.

*Conselho Editorial
Revista Espaço Livre*